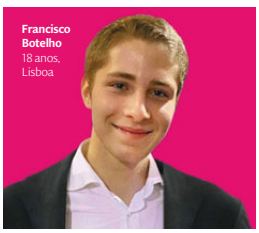
"Somos a geração com acesso mais fácil à informação. Mas não lemos jornais ou livros. Quando queremos saber uma coisa, vamos pesquisar, não vamos ler"

Inês Santos
18 anos, Faro

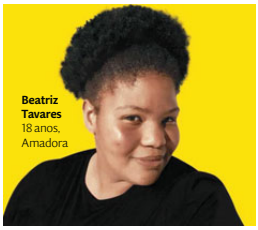
Eva Xavier
16 anos, Funchal

"Agimos por impulso. Definimos o que é bom e mau sem mergulhar no tema. Tem de ser tudo imediato e tem de ser bom. O confronto com a adversidade tem sido desnormalizado"

Alexandre Pinto
19 anos, São João da Madeira



Francisco Botelho
18 anos, Lisboa



Beatriz Tavares
18 anos, Amadora

"Não dá para me imaginar daqui a dez anos se nem sei o que vai acontecer ao país daqui a dois"

Beatriz Carvalho
18 anos, Ponta Delgada

Vasco Apolinário
19 anos, Faro

"Acho que a nossa geração é a mais ansiosa de todas. Não sei se existia esta ansiedade e insegurança na geração dos nossos pais"

Luís Gonçalves
19 anos, Melgaço

Mafalda Correia
17 anos, Oliveira do Hospital

Geração Z: os novos eleitores contam como são

Nasceram entre 1996 e 2010. São menos autónomos, mais ansiosos e mais tolerantes. Cresceram entre crises e uma pandemia, não pensam a longo prazo e não querem a vida de trabalho que os pais têm. 18 jovens falam sobre si

Texto **RAQUEL ALBUQUERQUE** Infografia **CARLOS ESTEVES**

As gerações mais velhas veem os jovens de hoje como demasiado digitais, superficiais, acelerados, impacientes e pouco autónomos. São os que já não brincaram na rua, que nasceram com internet, que não largam o telemóvel, que não tiram os fones, os que já não leem livros nem jornais. Aos olhos deles próprios — a Geração Z, entre os 14 e os 28 anos, com acesso ao mundo inteiro no telemóvel, a viverem entre duas crises e uma pandemia, meio século depois do 25 de Abril —, as lentes dos mais velhos não dão o retrato completo.

Reconhecem ter menos autonomia do que os pais e os avós com as mesmas idades, admitem não ler livros nem jornais e confessam só 'mergulhar' em assuntos que lhes dizem respeito. Bombardeados desde sempre com toneladas de informação, tornaram-se práticos e só se focam no que lhes chega de forma curta, direta, rápida e apelativa, se possível num vídeo de 30 segundos. Sabem que são dependentes do telemóvel, lidam mal com a frustração, não gostam de obstáculos. Uma mensagem escrita ou um áudio são melhores do que uma chamada: dá-lhes tempo para analisar a pergunta e preparar a resposta. Recibos de leitura de mensagens? Nunca. Querem responder quando entenderem fazê-lo, e sem pressões.

A geração a que pertencem os jovens de 18 anos que vão votar pela primeira vez a 10 de março — e todos os outros futuros eleitores — assume-se ansiosa, acelerada, impaciente, mas mais focada no presente, mais aberta e tolerante. "Somos menos autónomos, mas não somos incapazes. Temos menos paciência, mas em assuntos maiores somos muito mais tolerantes. Crescemos a aceitar a diferença", diz Matilde Marado, 18 anos, de Águeda.

Entre os 18 jovens que falaram ao Expresso sobre a sua geração, quase todos os novos eleitores contam ir votar, mas nem todos sabem bem em que partido. À sua volta, muitos ainda tentam perceber se são de esquerda ou de direita. "Não acho que seja uma geração desinteressada da política. Mas a maioria não tem uma opinião fundamentada, é mais uma posição revoltada", afirma Maria Botelho, 19 anos, de Lisboa. "Para nós, a vida política faz-se nas redes e já não nos jornais ou em conversas de café. Um vídeo de 30 segundos convence muito facilmente. Mas não nos aparecem vídeos de todos os partidos", resume Inês Santos, 18 anos, de Faro.

Informam-se através das redes, sobretudo TikTok e Instagram. "Quando queremos saber uma coisa, vamos pesquisar, não vamos ler. Só na faculdade se ganha maior profundidade", diz Inês. Muitos também veem o telejornal ao jantar — só por ainda ser um hábito dos pais, com quem vivem 85% dos jovens entre os 16 e os 29. "Ler um livro é algo perdido. Lia quando era mais novo", conta Alexandre Pinto, 19 anos, de São João da Madeira.

JOVENS

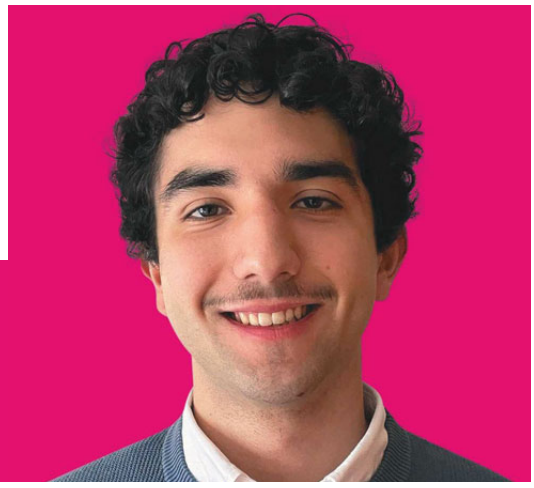
REPORTAGEM

MAIS FILHOS ÚNICOS

Nascidos entre 1996 e 2010, estes jovens são os mais qualificados de sempre: 84% têm pelo menos o ensino secundário (quase o dobro da população). São 1,6 milhões, menos do que as gerações anteriores nestas idades. Alguns são já fruto da imigração dos pais ou dos avós — como os que vieram do leste europeu no início de 2000 ou de países como Angola ou Cabo Verde em anos anteriores. Todos têm pela frente muito mais tempo de vida: os de 14 anos podem esperar viver pelo menos mais 67. "Esta geração tem muito mais probabilidade de conhecer os bisavós e de virem eles a ser bisavós", afirma a demógrafa Maria João Valente Rosa.

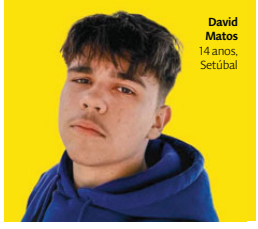
Têm mais dificuldade em tornarem-se autónomos do que gerações anteriores e veem nos pais alguma responsabilidade por isso. "Somos uma geração com mais filhos únicos e isso influencia. Tenho dois irmãos mais velhos e os meus pais deixaram-me fazer muito mais coisas do que os pais das minhas amigas que são filhas únicas", explica Maria Botelho. Ser uma geração com menos irmãos também poderá ajudar a explicar por que razão, segundo o Inquérito à Fecundidade, seja menos frequente

Bárbara Pinto
18 anos, Ourém



"Vimos as dificuldades dos nossos pais e por isso agora olhamos para o trabalho de outra forma, apesar de estarmos sempre numa situação de grande incerteza"

Henrique Cunha
17 anos, Murtosa



David Matos
14 anos, Setúbal

"Temos menos paciência e menos autonomia, mas não somos incapazes. Em assuntos maiores, somos muito mais tolerantes do que outras gerações"

Matilde Marado
18 anos, Águeda

Guilherme Carvalho
18 anos, Lousada

"Não sinto que esta geração esteja desinteressada da política. Mas a maioria não tem bem uma opinião fundamentada, é mais uma posição revoltada"

Maria Silveira Botelho
19 anos, Lisboa

Rodrigo Figueiredo
17 anos, Bragança

"Pomos pressão em tudo, seja a escola, o futuro ou nas coisas que acharíamos que já iríamos ter e não temos. É frustrante"

Luana Pinho
18 anos, Évora

Tomás Ramalho
19 anos, Reguengos de Monsaraz

estes jovens quererem ter um só filho. Já do ponto de vista financeiro, são um grupo "particularmente vulnerável", frisa Valente Rosa. "São mais afetados por situações de pobreza, têm taxas de desemprego significativamente mais altas e mais contratos precários."

A incerteza e a pressão em relação ao futuro fazem parte das suas vidas desde sempre. "São uma geração muito interessante, que pensa e tem espírito crítico, mas lida com exigências, pressões e expectativas em relação ao seu desempenho académico, ao mercado de trabalho ou às relações entre eles e com outras gerações", resume Olga Oliveira Cunha, psicóloga que há dez anos acompanha jovens na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa. "Lidam mal com a frustração e têm dificuldade em processar o insucesso porque o entendem como erro ou fracasso. Muitos vivem com ansiedade e necessidade de controlo."

Se lhes perguntarmos se fazem planos a longo prazo, a resposta é consensual: para quê? "Se nem sei o que vai acontecer ao país daqui a dois anos, não dá para me imaginar daqui a dez", resume Beatriz Carvalho, 18 anos, de Ponta Delgada. Não é por acaso: viram os pais atravessar duas crises económicas, viveram uma pandemia que os fechou dois anos em casa durante a adolescência e, desde que nasceram, ouvem falar em guerras, conflitos, ataques e desastres pelo mundo inteiro. "Claro que tudo isto os marca", frisa Olga Oliveira Cunha. "Eles não pensam a longo prazo. No inquérito de orientação vocacional, tive de tirar a pergunta sobre como é que se perspetivam dali a dez anos porque não respondiam. Não quer dizer que não tenham objetivos, mas tudo os levou a perceber que o que é verdade hoje já não é amanhã. Deixaram de gastar energias a pensar para a frente."

Não é novidade que estes jovens estão a chegar ao mercado de trabalho com uma atitude diferente. E eles explicam porquê: viram o trabalho sugar a vida aos pais e não querem seguir o exemplo. "Vi que os meus avós, emigrantes, até conseguiram vencer. Mas olho para a vida de trabalho dos meus pais e não vejo isso neles. Não me contentarei com um trabalho esgotante e que não seja compensador", desabafa Luís Gonçalves, 19 anos, de Melgaço. A psicóloga da FCSH faz o resumo. "Eles viram os pais a trabalhar, entre crises, em esforço, sem conseguirem amealhar o suficiente. Isso faz com que pensem que não vale a pena trabalhar tanto. Querem tempo para outras coisas, respeito por horários, flexibilidade, valores e empresas que não os deixem estagnar."

"NETOS DO 25 DE ABRIL"

Esta é também a primeira geração a ter uma "socialização mista", explica Ivone Patrão, psicóloga clínica e da saúde que tem estudado a ligação dos jovens à internet. "Têm uma socialização presencial e uma socialização online, que é muito mais fácil, rápida e compensadora. Têm competências no mundo digital que não foram desenvolvidas por gerações anteriores e a nossa preocupação, como educadores, é ajudá-los a manter as competências sociais de um modo presencial."

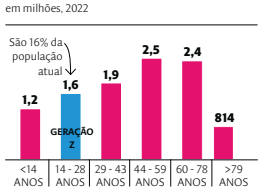
Segundo um estudo da Geração Cordão e da APAV, um em cada quatro jovens passa mais de seis horas por dia na internet durante a semana. E a forma como comunicam é também diferente de gerações anteriores. Falar ao telefone? Só com os pais ou amigos próximos. "Por mensagem é tudo mais fácil, porque dá para pensar no que vou escrever", diz Beatriz Tavares, 18 anos, da Amadora. "Há uma dificuldade neles em lidar com a espontaneidade e com o inesperado, mas têm uma consciência com a linguagem que nunca tivemos antes. São muito mais sensíveis", diz a psicóloga Olga Oliveira Cunha. Quanto à utilização do telemóvel desde cedo, eles acham que o problema está nas gerações mais novas, como alerta Rodrigo Figueiredo, 17 anos, de Bragança. "Quando era mais pequeno, juntava-me com amigos para jogar à bola. Agora, os mais novos têm telemóveis mais cedo e parece que já nem brincam." Ivone Patrão vê nessa preocupação com os mais novos um sinal positivo. "É curioso e importante, porque significa que a sociedade já lhes passou a ideia do que é um uso saudável da tecnologia. E eles serão os futuros pais."

Toda esta geração cresceu num ambiente muito mais diverso, não só em termos culturais, mas sociais e familiares. Divórcios e separações, nascimentos fora do casamento, pais do mesmo sexo, famílias compostas e meios-irmãos são-lhes realidades naturais — assim como tende a ser o direito à identidade e expressão do género. "A regra nesta geração é a diversidade. Vivem numa multiplicidade de trajetórias, numa vida multiformas", resume Maria João Valente Rosa.

Num olhar pelo retrovisor para esta e para as anteriores gerações, a demógrafa lembra que as mães destes jovens nasceram sobretudo entre 1970 e 1980, num período de "transição e mudança" no país. "São filhas do 25 de Abril, o que faz destes jovens os netos do 25 de Abril. Pode ser uma boa forma de olhar para esta geração e pensar como é que a estamos a preparar", considera. "Estamos a capacitá-los para lidar com os tempos incertos ou a padronizá-los em função do que achamos que é o normal? Se estivermos a tentar pré-formatá-los, estamos a fazer mal."

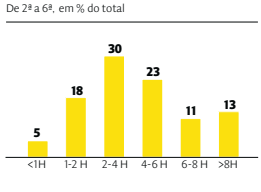
ralbuquerque@expresso.impresa.pt

A GERAÇÃO Z E AS OUTRAS
Estimativas de população residente em milhões, 2022



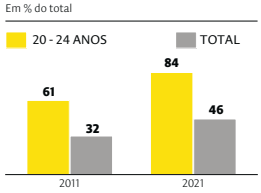
FONTE: INE

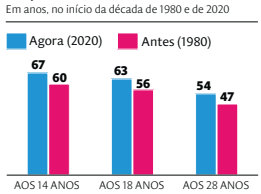
QUANTAS HORAS POR DIA PASSAM NA INTERNET?
De 2ª a 6ª, em % do total



FONTE: INQUÉRITO GERAÇÃO CORDÃO

POPULAÇÃO COM PELO MENOS O ENSINO SECUNDÁRIO
Em % do total



FONTE: INE

NÚMERO DE ANOS DE VIDA QUE OS JOVENS TÊM PELA FRENTE
Em anos, no início da década de 1980 e de 2020